

segundo informações que nos repetiram com insistencia, existe ainda excellentemente conservado quatro palmos abaixo da calçada actual». D'estas breves noticias, a de maior circumstancia é a última. Quanto ás muitas columnas de que falla Henrique Secco, eu não tenho mais noticias que possa dar.

J. L. DE V.

Noticias archeologicas

1. Tumulos de Anna de Chaves, na Ilha de S. Thomé

«Foi vendido ha tempo um terreno do Governo, que incluia as ruinas da Igreja de S. João, onde se guardavam os restos mortaes de D. Anna de Chaves, fidalga notavel a quem se prende a historia d'esta Ilha. Não houve ninguem de bom senso que se lembrasse de trasladar os restos mortaes da respeitavel donataria com o respectivo tumulo para o cemiterio, tendo sido tudo demolido sem o menor reparo da Camara Municipal, a cujo presidente cabem graves responsabilidades, se tiver conhecimento do que muito judiciosamente escreveram Lopes de Lima, Allemão, Cunha Matos, Almada Negreiros e outros.

Nas ruinas da Igreja do Rosario existe ainda um tumulo de Maria Fernandes ou Maria Pires, o qual, naturalmente, leva o mesmo destino.

Chamamos a attenção da Camara Municipal para tão delicado assumpto».

(Folha da Tarde, de 25 de maio de 1900).

Nota.— Anna de Chaves era viuva de Gonçalo Alvares, a quem o almoxarife da Ilha de S. Thomé dera em 4 de maio de 1535 de sesmaria 300 varas de terra e mato maninho de trás da Ilha ao longo do Ribeirão da Lagoa «as quaes se começarão de medir do mar pelo dito Ribeirão a cima com sua testada da mesma largura da terra sairá de ginete dereytamente á serra». Era obrigado a roçar dentro de cinco annos os referidos terrenos. D. João III, conforme a carta registada na sua Chancellaria, liv. 67 de *Doações*, fl. 37 v (no Archivo Nacional) confirmou a Anna de Chaves a concessão em 24 de novembro de 1547. Anna não era nobre. Foi nesta Ilha que Portugal se começou a ensaiar nas grandes culturas tropicaes que tão grande desenvolvimento tiveram no Brasil, para onde tambem transplantou certos termos usados em S. Thomé, como *roça* e *crioulo*. Na bahia chamada ainda hoje de Anna de Chaves está edificada a capital da provincia das nossas reduzidas

possessões no golfo de Guiné. A influencia portugueza em toda esta região foi extraordinaria. No Benim desde o seculo XV formou-se uma civilização interessante devida aos portuguezes para lá attrahidos. As artes metallurgicas então desenvolveram-se com um feitio especial, como modernamente se pôde observar quando os ingleses occuparam e destruíram o antigo reino¹. A sorte de Dahomé, país conquistado pelos francezes, não foi menos angustiosa. Este país em que os mulatos portuguezes tinham conseguido tornar sua a lingua a official, foi, apesar dos esforços para ficar independente debaixo da protecção (!) de Portugal, incorporado no dominio colonial francês e entregue sem defesa á acção dos missionarios d'esta potencia. Na colonia allemã dos Camarões (Kamerun) ainda são conhecidas numerosas palavras portuguezas entre os habitantes da costa.

2. O palacio da quinta de D. Rodrigo, em Casevel

«A freguesia de Casevel é muito espalhada, e composta de ca-saes dispersos aqui e acolá. A quinta (de D. Rodrigo), por consequencia, encontra-se só, e eis porque a grande distancia se via o incendio.

O predio mede approximadamente 500 metros quadrados. É uma solida construcção. A fachada é do lado do nascente, tendo uma extensão de 30 a 35 metros, e de largura uns 14. Nos topos ha dois torreões quadrados, e ao centro um terrasso em feitio de varanda. Na esquina do torreão esquerdo ostenta-se o brasão de armas de D. Rodrigo, antigo dono da quinta».

(Folha da Tarde, de 25 setembro de 1900).

Nota.—Em 1758 (*Diccionario Geographico*) havia uma quinta chamada de Valle Forcadas, pertencente a D. Gastão José Coutinho. Seria esta a chamada de D. Rodrigo, que pertencia ao tempo do incendio a D. Anna Adelaide de Faria Pinto, viuva de José Joaquim da Fonseca Pinto?

3. Importante achado archeologico

«Penella.—Ç.—Em S. Simão pequeno logar da freguesia de Santa Eufemia, d'este concelho, á distancia de 4 kilometros, existe uma

¹ No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, numero commemorativo de abril de 1901, podem examinar-se os exemplares que vieram para Portugal.

ermida da invocação da Senhora da Graça, que tem a particular singularidade de pertencer a duas freguesias: a capella-mor á de S. Miguel e o corpo da capella á de Santa Eufemia. Em frente ha um quintal povoado de oliveiras pertencente á capella.

Ha pouco, andando um trabalhador a abrir uma cova para a plantação de uma tancha, encontrou á profundidade de 1 metro um lindo mosaico, formado de quadrados em pedrinhas meudissimas, brancas, de grandeza igual, cercada de orlas e de pedrinhas azues.

Um individuo que reside num lugar proximo, tendo conhecimento do facto, foi ali e, mandando alargar a cova, notou que o mosaico se estendia em todas as direcções do referido quintal. Pretendendo extrahir uma parte d'esse mosaico, mandou demolir uma parede que separa o quintal pelo poente de uma propriedade que lhe fica em nivel inferior de 2 metros e, quando chegou á altura de 1 palmo d'aquelle mosaico, encontrou outro formado de lindos desenhos em pedra azul, branca, côr de rosa escura e côr de rosa desmaiada, de que recolheu alguns fragmentos.

Inquirindo de alguns individuos de idade, soube que ha mais de trinta annos o dono que então era d'aquelle quintal, e que foi quem mandou plantar aquellas oliveiras que ali se encontram, já achara, quando abriu as covas para estas, o referido mosaico, a que não ligou importancia. Este facto leva a acreditar que o mosaico se estende numa superficie não inferior a 100 metros quadrados.

O dono do predio, que pelo poente fica em socalco inferior ao quintal cêrca de 2 metros, andando ha cêrca de seis annos a repovoar uma vinha encontrou tambem á profundidade de 1 metro um pavimento ladrilhado de magnificos e largos tijolos, com rebordo dos lados, pavimento que parecia ser de um corredor.

Em outras propriedades contiguas teem tambem apparecido tijolos iguaes, e ainda ha poucos annos um lavrador, que andava lavrando terreno proximo, notou que em determinado sitio o arado se prendia a um obstaculo, que depois verificou ser a soleira de um largo portado.

Naquelle quintal, abrindo-se outra cova para oliveira, encontrou-se uma sepultura de alvenaria já em mau estado, dizendo o trabalhador que encontrou dentro da sepultura uma especie de cabeça, que quebrou com a enchada.

É tradição muito vaga que ali houve um convento ou cidade, sendo certo que não se encontram fragmentos de paredes, a não ser que estejam soterradas nos terrenos de cultura.

Em presença do mosaico não duvida que existiu ali uma edificação grandiosa.

Distante 1 kilometro, pouco mais ou menos, d'este sitio, andando-se a abrir um poço, tambem se achou, a cêrca de 1 metro de profundidade, um espaço da largura de 1 metro cercado de parede espessa de alvenaria, ladrilhado, de cêrca de 1 metro de altura, coberto por abobadella de tijolo ordinario; dentro achou-se cal em bom estado de conservação.

Esta singular construcção prolonga-se na direcção de um monte, por baixo de uma estrada ordinaria que lhe fica alguns metros por cima; a cal está em massa humida. O que seria?»

(O *Seculo*, de 17 de maio de 1901).

4. Cofres mysteriosos

«Mourisca, 7.—Ha dias andando um carpinteiro e um trabalhador em Travassô a demolir uma casa, foi descoberto por este um farrapo na parede, e começando a puxá-lo, por curiosidade, caíram muitos pintos de prata. Procedendo-se á contagem verificou-se serem noventa e cinco. Na mesma casa, mas noutro local e por cima de uma porta, encontrou tambem o carpinteiro oito peças de ouro. O Sr. José Laranjeira, dono da casa, chegou na occasião em que se tinha encontrado o dinheiro. O trabalhador, que era seu criado, e o carpinteiro, immediatamente lh'o entregaram. O criado foi gratificado pelo patrão com cinco pintos e uma roupa nova, e as peças foram vendidas pelo Sr. Laranjeira a 16\$000 réis cada uma, fazendo o comprador, que não deu agio, um bom negocio».

(*Vanguarda*, de 9 de junho de 1901).

5. Achado archeologico

«No antigo edificio da fabrica da polvora em Alcantara, que o Estado alienou por noventa e nove annos, procede-se a obras para a installação de uma fabrica de gelo. Quando hontem o trabalhador Domingos Antonio, morador na Serra de Monsanto, procedia á demolição de uma parede, deparou com um frasco de vidro contendo quatro moedas de prata, tendo gravadas a effigie de D. José I, um galeão e data de 1765. O caso produziu enorme alvoroço entre todo o pessoal operario, por constar que se tratava de um thesouro que se encontrara. Afinal, o mestre da obra tomou conta do frasco contendo as moedas para lhe dar o devido destino.

O edificio, que em 1500 era um convento, tinha as paredes revestidas de preciosos azulejos, que pouco a pouco foram desaparecendo, constando terem sido enviados para o estrangeiro».

(*Vanguirda*, de 9 de junho de 1961).

6. Uma igreja abandonada no Congo

Santo Antonio do Zaire, 11 de maio.

.....
«Continuando a viagem por caminhos agora bons, largos, planos, que uma carruagem podia bem pisar, vamos ter á igreja de Mpinda, depois de tres horas e meia de caminho.

A igreja em nada differe da mais humilde cubata. Mede uns 3 metros de comprimento, terá 2 metros de largura e metro e meio de altura. O cheiro é nauseabundo, devido aos morcegos que nella se aninham.

Esta igreja data do tempo dos frades italianos da ordem dos Capuchinhos, tendo sido seu ultimo ministro Frei Antonio, cujas ossadas ainda ali se encontram.

A gente de Mpinda era composta de resgatados; a obra dos missionarios tornou aquelles povos mais supersticiosos que os negros sem convivencia com o clero.

Abandonada a igreja, os santos de madeira foram apodrecendo pelo salalá, e os pretos se incumbiram de embrulhar aquelles objectos em pannos para evitar que dos troncos se separassem as cabeças d'aquelles milagrosos.

Lá estão no altar alguns objectos de prata, como a naveta e o thuribulo.

Ao lado da igreja está um sino de bronze, pesando mais de 40 kilogrammas. Este sino tem inscripta a data de 1700.

O povo, desde que morreu Frei Antonio, tomou a seu cargo a igreja, e elegeu elle um *padre*.

O actual eleito intitula-se «Padre Lemba do Novo Testamento». É pela ordem natural das cousas o mais finorio dos mpindas, e d'isso deu provas em acto continuo á sua eleição, roubando da cruz procissional o Santo Christo, e indo vendê-lo como feitiço a um povo do interior.

A cruz, que é de prata, existe actualmente em poder do rei Jorge, illustre soberano de um dos povos mussorongos de Santo Antonio.

O acto da missa tem um tanto de pittoresco. Lembra toca o sino e toda a gente dos povos proximos — Pinda, Tuco, Conde e Quini-mi-a-Nganga — acode á igreja.

Lembra faz umas contumelias, voltado para a igreja, simulando as dos padres, benze-se e, voltando-se, asperge com agua, por elle mesmo benta, os *fieis*, que logo ajoelham.

Se ha falta de chuvas, Lembra diz aos *fieis* que não chove porque Deus não quer molhar os santos; mostra-lhes os buracos no tecto e pede-lhes auxilio para a cobertura.

Recebidas as *esmolos*, os pretos voltam para as suas terras, e, se a chuva continua a faltar, Lembra toca a *fieis*, apanha-lhes mais dinheiro e diz-lhes que Deus vae dar chuva, mas com a condição d'elles voltarem para as suas povoações, sem nenhum falar no caminho.

Os pretos lá se vão crentes da verdade, mas outro, industriado por Lembra, põe-se a berrar a meio caminho o que faz indignar a Deus e prejudicar o milagre.

Só tenho pena do Governo não mandar guardar os objectos de prata, e remetter para o Museu Colonial o sino como recordação historica».

(O Seculo, de 14 de junho de 1901).

7. O Poço dos Mouros

«Este antigo poço, situado na estrada da circumvallação, em frente da Calçada do Poço dos Mouros, vae soffrer um grande e importante melhoramento, que era de ha muito reclamado. O poço tem uma abundante nascente, e, embora a agua seja salobra, é muito utilizada pelos moradores das cercanias para usos domesticos. Fica agora, alem de limpo, com as fendas vedadas, tapado por uma abobada de tijolo e ser-lhes-ha collocada uma bomba.

O poço é de grande profundidade. Acêrca da epoca em que foi construido e a razão da sua denominação pouco ou nada é conhecido, e nem consta que por aquelles sitios habitassem mouros. Sabe-se apenas que o poço é muito antigo, e, ao que parece, já existia no tempo de Pero de Alemquer, em 1491, o celebre marinheiro que acompanhou D. Vasco da Gama na viagem á India, e o qual vivia no «Cabeço de Alperche» na casa, mais tarde reconstruida, e que hoje tem o n.º 6, na Travessa do Calado, quasi em frente da Igreja da Penha de França.

Junto á mencionada casa, diremos ainda, construiu-se, após o terramoto de 1755, uma pequena ermida, onde esteve, por algum tempo,

a imagem de Nossa Senhora da Penha de França. Em memoria conserva-se uma inscripção gravada em letras brancas em azulejos azues.

Como dissemos, a nascente no poço dos Mouros é muito abundante, principalmente depois que ha annos lhe fizeram tres furos com uma broca. A agua chega todo o anno quasi á bôca do poço».

(*Diario de Noticias*, de 20 de junho de 1901).

8. Recolhimento do Rego

«Hei por bem fazer mercê a Margarida das Mercês e a Joaquina Ignacia, primeira e segunda regentes das recolhidas e convertidas de Nossa Senhora do Rosario, que se acham estabelecidas junto ao Grillo, das casas e quinta que foram de Custodio Ferreira Goyos e hoje estão nos proprios da minha Real fazenda, pela arremataçào que na dita propriedade se fez no preço de quatro contos e oitocentos mil réis, por execução feita ao sobredito Custodio Ferreira, como fiador de José Luiz Serra, devedor da renda da commenda de Mertola, que se lhe arrematou pelo juizo da inconfidencia, cujo emprestimo lhe faço sem que fiquem obrigadas a pagar renda alguma das ditas casas, mas sómente o foro que fôr devido ás Religiosas do mosteiro de Odivellas, senhoras directas da referida quinta e casas, com obrigação de residirem n'ellas com o mesmo recolhimento na forma em que actualmente se acham, e lhes concedo licença para na sobredita propriedade poderem fazer as obras que lhes fôrem precisas para a sua accomodaçào, *sem que comtudo no caso de despejo lhes fique por isso a minha Real fazenda obrigada á satisfacção de bemfeitorias algumas*; e com a *declaração* que lhe faço esta mercê em quanto Eu assim o houver por bem e não mandar o contrario. O conselho de fazenda o tenha assim entendido e faça executar com as ordens necessarias. Salvaterra de Magos em vinte e tres de fevereiro de 1788. — Com rubrica de Sua Magestade, Sebastião Xavier da Gama Lobo».

Por este decreto vê-se que o Recolhimento do Rego está estabelecido em um edificio que o Estado lhe *emprestou gratuitamente*, titulo que nunca pode dar-lhe direito de propriedade, pois que o possue em nome alheio, com obrigação de despejo, quando aprover ao dono da propriedade.

O estabelecimento de recolhidas e convertidas, ao Grillo, com a invocação de Nossa Senhora do Rosario, que este decreto aposentou no edificio e quinta do Rego, foi incorporado com o das Servitas de Nossa Senhora das Dôres, do Largo do Leão, a Arroyos, ficando ambos no edificio do Rego, por decreto de 29 de maio de 1848, sendo-lhes tambem dados estatutos approvados por alvará de 13 de fevereiro de 1849.

Taes estatutos impunham noviciado, votos secretos e admissào, tudo regido pelo dogma de Santo Agostinho, com clausura perfeita».

(*O Seculo*, de 13 de julho de 1901).

«Numa rápida visita que fizemos ao edificio e capella, vimos excellentes esculpturas dos Apostolos, boas pinturas e um soberbo trabalho de talha dourada.

No chão da capella-mor encontra-se a seguinte inscripção, que reproduzimos a titulo de curiosidade:

AQUI JAZ
 MARGARIDA DAS MERCÊS
 DE MARÉ¹, FUNDADORA
 DO REAL RECOLHIMENTO
 DAS CONVERTIDAS
 DO REGO, QUE FALLE-
 CEU AOS 3 DIAS
 DO MEZ DE
 ABRIL DO ANNO
 DE 1801, TENDO DA
 EDADE 55 AN-
 NOS, 4 MEZES
 E 6 DIAS
 REQUIESCAT IN
 PACE

(*Diario de Noticias*, de 20 de julho de 1901).

9. Descripção de um batel do seculo XIV

Portugal, contra a opinião commum, não é por natureza país marítimo. As suas costas apresentam-se pouco rendilhadas para que se lhe possa dar essa denominação. Mas onde ellas se manifestam mais intensamente recortadasahi se encontram os marinheiros mais audazes, como succede em Aveiro, Lisboa, Setubal e toda a costa do Algarve. Posteriormente, impellidos por espirito elevado, atreveram-se os portuguezes a afrontar o mar largo em busca de novas terras.

Quando os portuguezes do norte se apoderaram de todo o sul, terminaram, em consequencia de odios de raça e religião, as viagens á Africa que os musulmanos emprehendiam, do que resultou o abatimento nas qualidades nauticas dos habitantes das nossas costas. Foi então preciso animar com elementos mais modernos e christãos a marinha

¹ Não me foi possível encontrar na *Chancellaria Real* nem no *Registo das Mercês* d'estes tempos noticias d'esta senhora.

nacional e recorreu-se por esse effeito aos paizes mais adeantados nesse ramo. Vieram pois os Pazagnos a quem foram concedidos grandes privilegios.

O grande porto de Lisboa pôde tornar-se como uma escola, visto que já era uma escala entre o Mediterraneo e o mar do Norte e muitas vezes tambem um *terminus*.

Os termos nauticos portuguezes na sua maioria concordam com os das outras nações europeias, o que tambem succede nos nomes dos diversos objectos que se encontravam a bordo do batel, de que foi vendido metade em 1370.

A escritura foi feita no porto novo de Aldeia Gallega.

Como são poucos os documentos portuguezes sobre objectos nauticos durante a primeira dynastia, creio que publicando esta escritura será ella acolhida com estima por aquelles que se dedicam á archeologia naval, posto que o batel, de que se trata, pouco differente seja das modernas e modestas faluas.

Sabhã quantos esta carta de pura venda virên, que Eu Johã martinz dormyras, morador na aldeia gãlega, Ribatejo, vëndo e outorgo deste dja pera todo senpre a nos Domingas de deos, morador na çidade de libõa, Meatade duñ batel cõ a meatade de todolos aparelhos que o dito batel trage, que Eu ej, cõuën a ssaber: tres varas e duas fateixas de fero e huñ gouernalho cõa paa E dos Remos e masto e antena cõ toda ssua Ejxarcya e huñ treu e huñ caure e hũa corda, a qual meatade de batel cõ a meatade de todos estes aparelhos lhi vëndo por çerto preço, conuën a ssaber: Cen libras de dinheiros portugeesses que conhesco e cõfesso que dela Reçebj en bõs dinheiros cõtados, de que ssõn bën pagado e entregue. E mãdo e outorgo deste dia pera todo ssenpre que ela e todos sseus ssoçeçores, que depos ela veerẽ, aiã e logren e pessuiã a meatade do dito batel e meatade daparelhos e ffaça dele en ele todo aquelo que lhi pronger cõme de ssua propia coussa. E obrigo todos meus bẽes mouys e Rajz avudos e por auer a lhj liurar e deffender a meatade do dito batel e meatade daparelhos, de quẽ quer que lho demãde ou enbarge, sse uõtades pẽrdas e danos que a dita domingas de deos por esta Razõ veer que Eu lho cõponho cada huñ dja cõ dez ssoldos de pea, e per poder desta carta a meto en posse per affonso marinheiro da dita meatade de batel e meatade daparelhos. ffeita ffoj esta carta no porto nouo daldea galega, Ribatejo, vinte e dos dias de dezenbro. Era de Mil e quatroçentos e oyto Anos. Testemunhas Steuã caneiro e Steuã dominguez carneiro e affonso marinheiro e Johãne Anes, homẽ daluaro dominguez; alcaide e outros. Eu Johã gon-

galuez, tabaliõ dEl Rej en no dito logo de Ribatejo, que por outorgamento do dito Johã martjnz esta carta escreuj e aqui meu ssinal ffiz que tal + he = iij^o ssoldos¹.

10. Achado de moedas romanas proximo de Mertola, em 1624

«Lo que hallamos cõ euidencia, y sin alguna duda es, que desde que los Romanos acá entraron; ay en Portugal este Apellido de Faria; porque auindose visto en tiempos passados alguna medalla, o moneda Romana con estas letras FARIA [y yo vi vna en Genoua en las manos de vn Portugues que la lleuõ de España entre otras de oro, y plata, que vendiõ alli a vn Platero] se hallõ el año 1634. a la margen de vn rio, cerca de la Villa de Mertola, vna olla de plata com mãs de ocho mil medallas, o monedas del proprio metal todas del tamaño de la nuestra de dos reales. En vna dellas se via la cabeça de Mercurio [como suele pintarse con su galero y aletas] y del reuerso vna muger sentada, con vn globo en la mano derecha, de que sale vna hasta; y a los pies vna lança, y vn escudo con esta Inscriptcion, ROMA, y en la circunferencia estotra: N. FARIA. Tienela oy en su poder Gaspar de Faria Seuerin, Executor mayor del Reyno, cuya copia tengo por certificaciones de Notarios publicos.

Parece que las letras de la circunferencia dizem NONIVS FARIA; que deuiõ ser Nombre del Triunuiro Monetario, el qual hizo esculpir, o labrar aquella suerte de moneda; porque los tales Ministros teniã priuilegio para poner sus nõbres en ella como se vè claro de muchas que trae Sebastiano Erisso. Estos Triunuiros Monetales eran Presidentes de la Casa de moneda², segun Pomponio Leto de Magistrat, y otros Autores. Etc.»³.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

1. Bazaruco inedito do seculo XVI

No tempo em que Mathias de Albuquerque governou o Estado da India Portuguesa, sob o titulo de Vice-Rei, o Senado de Goa, ou Ca-

¹ Archivo Nacional—Mosteiro de Chelas, maço 35, n.º 686.

² Nota marginal ms: Assim sãõ os Crasbeks em Anveres que sãõ monetarios, hoc est, presidentes da Casa da Moeda que neste anno de 1700 he francisco Crasbek.

³ Notas de Manoel de Faria y Sorsa al Nobiliario del Conde D. Pedro, pag. 34.